

O ensino de história para surdos: análise da situação de escolas especiais e de escolas regulares

The teaching of history for deaf students: an analysis of the situation of special and regular schools

Carlos Cesar Almeida Furquim Pereira

Pesquisa desenvolvida junto ao Curso de Especialização em Formação de Professores em Educação Especial – UNESP - Campus de Marília.

E-mail: profcesarfurquim@gmail.com

Rosimar Bortolini Poker

Docente do Departamento de Educação Especial da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP), Faculdade de Filosofia e Ciências - Campus de Marília.

E-mail: poker@marilia.unesp.br

Artigo recebido em 11 de junho 2012 e selecionado em 07 de novembro de 2012

RESUMO

Analisamos por meio deste estudo, como a Disciplina de História é ensinada - por professores - nas Escolas Especiais (EMEE) para alunos surdos e nas Escolas Regulares (EMEF) que contenham alunos surdos, no Ensino Fundamental II. Participaram de nosso trabalho 3 professores da Disciplina de História de Escolas Especiais e 3 docentes da mesma disciplina de Escolas Regulares, ambas municipais e localizadas na região da Zona Norte da Cidade de São Paulo. A coleta de dados foi realizada por meio de questionário contendo questões abertas e fechadas. O estudo revelou que a escolarização dos surdos passa ainda por vários problemas, um deles é a formação do corpo docente, que não vêm sendo preparados para trabalhar com alunos surdos. Além dos professores das EMEF não proporcionam um canal eficiente de comunicação com estes, por outro lado nas EMEE, os educadores não possuem formação nas Disciplinas que lecionam, assim sendo, de uma forma ou de outra o aluno com surdez encontra impedimentos de acesso aos conteúdos curriculares de História. Estes resultados são importantes para que sejam realizadas formações para os docentes e para implantação de práticas pedagógicas, que viabilizem melhor aprendizado dos alunos surdos.

Palavras-chave: Ensino de História para surdos, Condições de ensino nas Escolas Especiais de São Paulo, O aluno surdo nas Escolas Regulares.

ABSTRACT

We analyzed, through this case study, how History as a subject is taught - by teachers - in Special Schools for the Deaf (EMEE) and in Regular Schools with deaf students enrolled (EMEF), in Fundamental Education II. Three History teachers of Special Schools and three History teachers of Regular Schools took part in this work - both of the schools are municipal and placed in the North Area of the city of São Paulo. Data collection was made through questionnaire with open and closed questions. The study showed schooling of deaf students still faces some problems, and that one of those problems is teacher education, since they have not been prepared to work with deaf pupils. Besides the fact that EMEF teachers do not provide an efficient channel of communication with them, in EMEE teachers do not have education in the subject they teach - therefore, one way or another, deaf student faces access barriers to History curriculum contents. These results are important for the purpose of providing education for teachers and of fostering pedagogical practices that make possible a better learning for deaf students.

Keywords: History teaching for deaf students. Teaching conditions in Special Schools of São Paulo. The deaf student in Regular Schools.

INTRODUÇÃO

A prática pedagógica para ensinar a disciplina de História é de suma importância, pois - quando bem aplicada, e, segundo as Orientações Curriculares do Município de São Paulo (2007), pode conduzir os alunos a um olhar consciente - e contextualizado - sobre si mesmo, sobre os outros e sobre a sociedade na qual eles fazem parte. Além disso, passando para o caso dos alunos com surdez, segundo Silva (2011) ela também é capaz de gerar senso crítico neles para buscarem conscientemente seus direitos enquanto cidadãos, tendo conhecimento de como foi a luta que o surdo teve para constituir uma - e ter reconhecimento enquanto - língua própria, assim como da forma em que o surdo foi tratado no passado e de como é reconhecido hoje.

Voltando a atenção para a perda auditiva - segundo Verri; Alegro (2006) -, ela não causa déficits cognitivos, no entanto as dificuldades na comunicação podem acarretar limitações cognitivas. E a dificuldade do aluno surdo para aprender História ocorre porque o entendimento de conceitos históricos - por serem complexos e específicos - exigem deles sofisticadas propriedades organizacionais da estrutura cognitiva, determinantes na significação do material estudado. E a dimensão temporal da Disciplina afeta ainda mais este processo.

Somando em tal reflexão Sanches (2007) diz que pelas informações ensinadas serem ofertadas majoritariamente de forma oral, também por muitos destes discentes ingressam tardiamente nas escolas e poucos professores serem capacitados especificamente para trabalhar com tais alunos, só distancia o acesso destes últimos aos Conteúdos Curriculares de História.

Dessa forma, este estudo teve o objetivo principal de analisar comparativamente como a disciplina de História é ensinada - por professores - nas Escolas Especiais para alunos surdos (EMEE), e nas Escolas Municipais de Ensino Fundamental - Regulares (EMEF) que contêm alunos surdos incluídos.

Para tanto, fez-se também necessário abordar os seguintes objetivos: Entender quais as necessidades educacionais especiais dos alunos com surdez para aprender os conteúdos de História do Ciclo II do Ensino Fundamental. Conhecer quais as dificuldades dos professores para ensinar História para alunos com surdez.

MÉTODO

Esta pesquisa focalizou a região da Zona Norte da Cidade de São Paulo, localidade esta que possui 2 Diretorias Regionais de Educação Municipais, 2 EMEE e 72 EMEF, que atendem (da faixa etária de 0-14 anos) apro-

ximadamente 127.000 alunos¹. Neste contexto, foram identificados os professores que lecionam a Disciplina de História para alunos surdos nesta região, assim como alguns destes foram selecionarmos para participarem deste trabalho, conforme a disponibilidade dos mesmos.

Sendo assim, fizeram parte do universo desta pesquisa 6 professores que lecionam a Disciplina de História no Ensino Fundamental II (5ª à 8ª série), sendo estes: 3 professores de EMEE e 3 docentes de EMEF.

O instrumento para a coleta de dados foi questionário, com questões abertas e fechadas, respondidas pelos professores selecionados, com a finalidade de levantar dados sobre suas práticas pedagógicas (métodos, recursos e estratégias no Ensino da Disciplina de História), suas formações acadêmicas e seus conhecimentos sobre surdez. Com vistas a mapear o perfil e as ações dos participantes.

Após contato e agendamento telefônico - com os professores - foi aplicado o questionário nas Escolas, nos horários de estudos coletivos dos mesmos. A coleta de dados foi feita individualmente e em uma única sessão, com a duração aproximada de 35 minutos, na presença do próprio pesquisador.

RESULTADO

Por meio dos dados coletados constatou-se que, com a exceção de um professor (que leciona a menos de um ano), os demais lecionam em média há 22 anos. Percebemos também uma diferença na formação dos professores que lecionam a disciplina de História, pois os professores das escolas especiais são pedagogos especialistas em Educação de Deficientes da Audiocomunicação (EDAC), mas não possuem formação, nem capacitação na área de História. O oposto foi observado dos professores nas escolas regulares, pois todos possuem licenciatura em História, contudo, nenhuma especialização em Educação Especial, muito menos em surdez.

Passando para o tempo de atuação com alunos surdos, os docentes das Escolas Especiais possuem maior experiência trabalhando com esse alunado e são os únicos que afirmaram dominar a Língua Brasileira de Sinais (Libras). Por outro lado, os professores das Escolas Regulares passaram a ter contato com alunos com surdez a partir de 2007, sendo assim não têm muita experiência no trabalho com tais alunos.

Sobre as orientações para trabalhar com alunos surdos, os dados demonstraram que nenhum professor foi orientado nas Escolas (tanto nas Especiais quanto nas Regulares). Com efeito, os professores das Escolas Especiais apontaram que foram instruídos somente no

¹ PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE SÃO PAULO. Portal da Educação Municipal.

momento em que frequentaram a sua graduação em EDAC, ou seja, no mínimo há 15 anos.

Para agravar ainda mais a situação, constatou-se que existem apenas 4 intérpretes em Libras na região estudada, não obstante, estes atendem os alunos surdos matriculados no Ensino Médio. Desta forma, podemos afirmar que a possibilidade da presença de intérprete - no Ensino Fundamental II - tanto nas Escolas Especiais quanto nas Regulares é rara.

Concomitantemente os professores de Escolas Especiais descreveram usar como principal forma de comunicação com seus alunos a Libras. Esta língua é importante, conforme Zych (2003), como condutor de comunicabilidade no processo de ensino-aprendizagem por ser de natureza espaço-visual, acessível e compreensível para o surdo. No entanto ela não é a única forma de comunicação destes docentes com seus educandos, pois também usam - como forma complementar - falar enquanto escreve e/ou enquanto desenha no quadro. Raramente, ainda, usam também a fala com mímica.

Outro dado interessante é que para os professores das Escolas Regulares, a oralidade é a principal forma de comunicação entre professor e alunos. Contudo, talvez tais docentes acreditem que pelo fato destes últimos, em sua maioria, usarem Aparelho de Amplificação Sonora Individual (AASI), isso já permitiria que os alunos surdos ouvissem como ouvintes, ou que todo surdo compreenderia tudo por meio da leitura orofacial. Para piorar a situação, tais docentes desconhecem o grau das perdas auditivas de seus alunos com surdez, e o uso que fazem da leitura orofacial.

Passando para as atividades nas aulas de História, constatou-se que nas EMEE a maioria delas são expositivas (em Libras) e com imagens. Menos frequentes são as atividades com computador, com filmes, com leitura em Língua Portuguesa (LP), com produção de resumos (em LP) e com Livro Didático. Sobre o uso de filmes, conforme Sanches (2007), estes auxiliam o entendimento (e reflexão) temporal sobre o período que se está estudando, por permitem que os estudantes visualizem os cenários, os figurinos, as expressões corporais dos atores e as formas nas quais os grupos se organizavam.

Por outro lado, nas EMEF as atividades de História normalmente são aulas expositivas (baseadas na oralidade) e atividades com imagens. As outras atividades, não tão frequentes, referem-se à leitura e produção de textos, aos exercícios escritos, às atividades escritas e às sugeridas no Livro Didático. Assim, podemos observar que nas Escolas Regulares solicita-se e estimula-se muito mais leitura e escrita - sem apoio de material visual - do que nas Escolas Especiais.

Além disso, percebemos que nas Escolas Especiais há uma diversificação com relação à organização das atividades, pois elas variam conforme as diferenças entre as salas e dentro de cada sala. Além de serem elaboradas para aplicação em grupo e muitas vezes também individualizadas, conforme a necessidade de cada aluno. O fato das escolas especiais terem menos alunos por sala (entre 10 a 12 alunos) ajuda muito na realização de tais atividades, e na organização dos grupos, pois permite uma maior mobilização, comparada com uma sala com 35 alunos, assim como tal condição (menos alunos por sala) permite ao professor conhecer melhor cada aluno, diferentemente dos docentes das EMEF, que quando não acumulam cargo, têm em média 300 alunos no Ensino Fundamental II.

A elaboração de trabalhos coletivos, conforme Verri; Alegro (2006) auxilia no desenvolvimento linguístico e no raciocínio lógico dos alunos surdos. Assim, provavelmente por terem especialização na área da Surdez, tais docentes saibam que os alunos surdos precisam fazer o máximo possível de trocas simbólicas com apoio de material visual.

Nas Escolas Regulares notamos que a maioria dos professores utiliza atividades iguais para todos os alunos, não importando o perfil de aprendizagem de cada um destes. Além disso, a grande maioria destas atividades são elaboradas para serem feitas individualmente. Mas, pode estar acontecendo dos professores das EMEF, por nunca terem sido preparados para trabalhar com tais alunos surdos, não saibam como avaliá-los.

Examinando a seguir as dificuldades dos alunos surdos para aprenderem os conteúdos da Disciplina de História, segundo os professores das EMEE, elas são provenientes da ausência de conhecimentos históricos prévios e de confundirem-se constantemente nos contextos históricos. Para entender a primeira dificuldade, conforme Poker (1991), o aluno surdo que normalmente chega à escola tende a ter feito bem menos trocas simbólicas que os demais alunos ouvintes (quando são filhos de pais ouvintes), tem menos acesso às informações e menos oportunidades de expressar seus pensamentos. Consequentemente, (POKER, 2007) a função simbólica não se desenvolve o quanto deveria, e o pensamento, assim fica "limitado aos fatos perceptivos e motores do aqui e agora." (p.7). Daí, de acordo com Verri; Alegro (2006), os alunos surdos podem gerar novos conceitos históricos empobrecidos, dificultando, assim, a conexão entre eles, e deles com outros já adquiridos, o que pode impedir a atribuição de significados e, por isso se confundem temporalmente, intrincando, assim, o entendimento da matéria estudada, o que resulta na segunda grande dificuldade dos alunos com surdez.

Em seguida, na descrição das dificuldades dos alunos com surdez, pelos docentes das EMEF, elas se resu-

mem na falta de atenção nas aulas. Contudo, a forma na qual o Ensino está sendo ofertado para tais alunos, na forma oral, sem intérprete em Libras, pouco favorece ao estudante surdo entender o que está sendo explicado, e, por conseguinte, participarem da aula.

Com referência as dificuldades docentes para ensinar alunos surdos, um dos professores de Escola Especial expôs o fato de não existir sinais para boa parte dos conceitos históricos em Libras, o que segundo Avelar (2010) é um problema frequente no meio acadêmico, pois cada área específica tem exigido novos sinais para conceitos científicos. Pensando mais especificamente no caso da Disciplina de História Neves (2009) sugere que quando o professor se deparar com conceitos que não contém sinais específicos na Libras, para não precisar soletrar o alfabeto manual a todo instante, de usar da associação de dois sinais (conhecidos dos alunos) e que mais se aproximam à palavra. No entanto, tal solução requer que o professor tenha conhecimento e domínio da disciplina, o que não é o caso dos educadores das EMEE, pois sequer possuem formação específica na área.

Prosseguindo, a pesquisa demonstrou que tanto nas Escolas Especiais, quanto nas Escolas Regulares, os professores costumam relacionar – nas aulas – acontecimentos históricos com o cotidiano dos alunos, pois acreditam que eles entendem melhor o conteúdo desta forma. O que os aproximam da análise de Verri; Alegro (2006), pois permite que o professor possa adequar – em seguida - a metodologia e os recursos para as aulas de História.

Voltando a atenção para os recursos materiais usados nas aulas, quando comparados aos existentes nas Escolas, tanto nas EMEE quanto nas EMEF, possuem datashow, mapas, DVD, aparelho de som, livros didáticos, computador, quadro negro, revistas, jornais e filmes. Assim, nas EMEE todos os recursos são utilizados constantemente, principalmente os visuais e os cinéticos (imagens que podem ser postas em movimento, como é o caso do Datashow, do DVD, do Computador e de Filmes). Sobre tais práticas na Educação dos surdos, Basso (2003) relata que estas podem – quando bem mediada por uma metodologia adequada – conduzir o aluno surdo à compreensão e à interpretação de novos códigos de leitura e escrita dos equipamentos eletroeletrônicos presentes em suas vidas, pois tais recursos são marcadamente visuais. Ainda referente ao relato destes educadores, tais materiais não são específicos para trabalhar com alunos surdos, o que os condicionam à produzirem alguns materiais pedagógicos, de acordo com as necessidades imediatas, como recortes de textos e imagens de livros – ou da internet -, a fim de adaptá-los para suas aulas.

Por outro lado, nas Escolas Regulares, dos recursos materiais apontados só são usados o Livro Didático, o qua-

dro negro e o vídeo. Tal fato demonstra pouco uso dos recursos didáticos existentes no ambiente escolar, por parte dos docentes. Aliás, o Livro Didático nas salas regulares é usado da mesma forma, com alunos ouvintes e com estudantes surdos, supondo (estes professores) que os alunos surdos aprendem da mesma forma que os ouvintes.

Nesse ínterim, as estratégias para abordar conceitos históricos nas EMEE, são de priorizar trabalhar com os diferentes significados atribuídos – para os conceitos – por grupos específicos. O que podemos perceber que é a forma mais complexa para se abordar conceitos históricos e que não é recomendada para se trabalhar com alunos surdos, conforme Verri; Alegro (2006). Outra abordagem (não tão frequente quanto à anterior) usada é partir do conceito geral, para se chegar ao específico, além de também usarem da identificação dos conceitos nas diferentes formas de produção humanas. Tais exercícios, segundo as Orientações Curriculares de História (2007), podem revelar intencionalidades atribuídas a tais significados, dentro do contexto estudado. Além disso, os docentes das Escolas Especiais também trabalham – às vezes - com produções textuais, utilizando na confecção destas, os conceitos estudados. Desta forma, ainda conforme as mesmas Orientações Curriculares (2007), tal prática contribui para que os estudantes aprendam a pensar historicamente.

Por outro lado, nas EMEF priorizam trabalhar com conceitos históricos identificando-nos nas diferentes formas de produções humanas. Usando bastante os conceitos chaves (básicos) de cada capítulo. E algumas destas vezes eles partem dos conceitos gerais para se chegar aos específicos, dentro do contexto estudado. Assim como, menos frequente, os conceitos históricos são estudados dentro dos significados destes, de acordo com seu próprio contexto.

Passando para as estratégias usadas para se trabalhar noções de tempos históricos, no caso dos professores das Escolas Especiais, na maioria das vezes, eles fazem uso de cronologias visuais e de comparações espaço-temporais, por meio de linhas do tempo e calendários, o que conforme Sanches (2007) e Neves (2009) são importantes para alunos surdos se situarem temporalmente. Outras estratégias, também comumente usadas são comparações entre as sociedades estudadas com a nossa atual.

Por outro lado os professores das Escolas Regulares, em sua grande maioria trabalham mais com História cronológica (conteudista e de causa-efeito) e comparações entre as sociedades estudadas com a nossa sociedade atual, fazendo também uso de linhas do tempo e calendários. Assim como alguns trabalham com comparações entre as sociedades estudadas com outras de temporalidades e localidades diferentes, ou ainda com História evolucionista.

DISCUSSÃO

O presente estudo constatou que a linguagem usada nas Escolas Especiais é principalmente a Libras, no entanto, existe ainda uma mistura em tais formas comunicacionais, como, por exemplo, falar enquanto sinaliza. O que para o caso de uma proposta bilíngue tornar-se-ia inviável, pois a Libras acaba não sendo desenvolvida na sua integralidade, e assim, conceitos complexos da Disciplina não têm como se fundamentar nos conhecimentos prévios dos alunos surdos, aprendidos e vivenciados por meio da Língua de Sinais.

Outra questão importante a ser levantada é que os métodos e estratégias nas duas modalidades de escola demonstraram-se ineficientes, pois o processo de ensino-aprendizagem e a relação entre professor e alunos surdos passa por muitas dificuldades, a maioria destas se dá por fatores específicos do Ensino de História, que são compreendidos pela ausência de formação na área por parte dos docentes das EMEE, mas que não podem ser justificativa para a manutenção dessa situação.

Concomitantemente a Libras muitas vezes não atende as necessidades disciplinares destes professores, principalmente por ela ainda não possuir sinais específicos para muitos dos conceitos históricos. Assim, as maneiras possíveis para suprir tal situação requerem formação específica e treinamento destes docentes, o que não vem acontecendo.

Pode-se constatar, ainda, que os métodos de Ensino, por meio das atividades, nas EMEE dão prioridade ao visual-cinético, além de se diversificarem na sua aplicação. O que demonstra a noção destes docentes sobre as principais necessidades educacionais dos estudantes surdos.

Por outro lado, como vimos, os professores de Escolas Regulares trabalham mais na forma comunicacional oralista, por fatores já apontados nos resultados. Desta forma o canal de comunicação entre professores e alunos surdos não é efetivo, conseqüentemente compromete a mediação docente para com estes.

Também ficaram evidentes que, mesmo as atividades destes docentes muitas vezes serem realizadas com imagens, não sofrem adequações para os alunos surdos. Desse modo é preciso que ocorram adequações linguísticas, materiais e metodológicas, mas antes, estes professores precisam ter apoio pedagógico, além de formação para isso.

Outro fator agravante é a necessidade destes docentes (das EMEF) de seguirem o programa de curso, que por possuir poucas aulas por semana, o que é pouco em termos de tempo para dar conta dos conteúdos, e ainda somado a quantidade elevada de alunos por sala, não favorece o conhecimento e o acompanha-

mento individualizado dos alunos. Assim, para as salas que contenham estudantes com deficiência devem haver menos alunos matriculados, além de uma flexibilidade para o cumprimento do plano de curso por parte dos professores de tais salas.

No que se refere às estratégias para trabalhar com o Conteúdo Histórico, nas EMEE, estas não estão surtindo efeito, pois não suprem os impedimentos que os alunos surdos têm de relacionar contextos históricos, decorrentes da ausência de conhecimentos históricos prévios. Assim esta situação é resultada de não haver planejamento disciplinar e metodológico, a fim de desenvolver estratégias eficazes para trabalhar com conceitos – e processos - históricos.

Problemas estes não apresentados nas EMEF, pois os docentes destas demonstraram trabalhar a forma conceitual de História da maneira mais viável para o aluno com surdez: identificando-os nas mais variadas fontes históricas (incluindo as visuais), e na abordagem com os conceitos chaves para se chegar aos específicos, o que daria condições, se não fosse a barreira da linguagem, para que o aluno com surdez tenha um olhar mais crítico sobre a sociedade em que estão inseridos.

CONCLUSÕES

Em suma, esta pesquisa revelou que a escolarização dos surdos passa ainda por vários problemas, um deles é a formação do corpo docente, pois - tanto nas Escolas Especiais quanto nas Regulares - eles não vêm sendo preparados para trabalhar com alunos surdos, em termos de formação inicial e/ou continuada. Pensando na Disciplina de História no Ensino Fundamental II - se o aluno com surdez estiver matriculado em Escolas Regulares, os docentes destas não sabem como trabalhar com tais estudantes, e não proporcionam um canal eficiente de comunicação com estes, por outro lado caso estejam inscritos em Escolas Especiais, os educadores - especialistas em educação para surdos - não possuem formação nas Disciplinas que lecionam, assim sendo, de uma forma ou de outra o aluno com surdez encontra dificuldades - e impedimentos - de acesso aos conteúdos curriculares de História.

Desta forma, fazem necessárias mais pesquisas nesta área. Assim como trabalhos envolvendo sondagens sobre a aprendizagem da Disciplina de História pelos alunos com surdez. Outro segmento que também carece de estudos é a questão da ausência de Sinais Específicos de História em Libras. Além de pesquisas sobre produções de materiais pedagógicos na área da História para surdos, que resultem em publicações editoriais, a fim de auxiliar os professores que lecionam para tal público.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AVELAR, Thaís Fleury. *A questão da Padronização Linguística de Sinais nos Atores-Tradutores Surdos do Curso de Letras – Libras DA UFSC: estudo descritivo e lexicográfico do sinal “cultura”*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Santa Catarina: Florianópolis, 2010.
- BASSO, Idavania Maria de Souza. *Mídia e educação de surdos: transformações reais ou uma nova utopia?* Florianópolis: Periódico *Ponto de Vista*, n.05, p. 113-128, 2003.
- NEVES, Gabriele Vieira – UCS. Ensino de História Para Alunos Surdos De Ensino Médio: desafios e possibilidades. In: *Congresso Nacional de Educação – EDUCERE III*, 9, 2009, Curitiba. Relato... Curitiba: PUCPR, 2009, p. 7903-7912.
- POKER, R. B. Surdez e a troca simbólica na perspectiva piagetiana. In: MIURA, R. K.K. (org.) *Cadernos da FFC* (Faculdade de Filosofia e Ciências – UNESP). Marília: UNESP- Marília - Publicações, 1991. p.79 – 86.
- _____. Linguagem e Pensamento na criança. In: MONTROYA, A. O. D. (org.) *Contribuições da Psicologia para a Educação*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2007. p.2 – (Coleção Psicologia e Educação em Debate).
- PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE SÃO PAULO. *Portal da Educação Municipal*. Disponível em: <<http://portalsme.prefeitura.sp.gov.br/AnonimoSistema/BuscaEscola.aspx?source=/default.aspx>>. Acesso em 14 maio 2011.
- SANCHES, Danielle. História Silenciosa: Como ensinar uma disciplina de conceitos abstratos e invisíveis às pessoas que têm na visão o principal sentido? *Revista de História da Biblioteca Nacional*, Rio de Janeiro, 12 de setembro de 2007. Disponível em: <<http://www.revistadehistoria.com.br/secao/educacao/historia-silenciosa>> Acesso em 26 fevereiro 2011.
- SÃO PAULO (SP). *Secretaria Municipal de Educação. Orientações Curriculares e expectativas de aprendizagem para o Ensino Fundamental: ciclo II: História – São Paulo: SME/DOT, 2007.*
- SILVA, José Erinaldo da. *O Processo de Aprendizagem no Ensino de História e Geografia em Libras no IPAESE/ Aracaju/SE.2002*. Disponível em <http://www.web-professores.com/novo/artigos/ver_artigo.php?cod_art=1491>. Acesso em 20 julho 2011.
- VERRI, Célia Regina & ALEGRO, Regina Célia. Anotações sobre o Processo de Ensino e Aprendizagem de História Para Alunos Surdos. *Revista Práxis*, n.º2. Vitória da Conquista, 2006. p. 97-114.
- ZYCH, Anizia da Costa. *Reflexão sobre a educação escolar do surdo*. *Analecta*, Guarapuava, v. 4, n. 2, p. 121 – 126, jul./dez. 2003. Disponível em: <<http://www.unicentro.br/editora/revistas/analecta/v4n2/reflex%E3o.pdf>>. Acesso em 12 set. 2010.